

Revista EDUCAzônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 4, Vol VII, não 2, jul-dez, 2011, Pág. 120-127.

O CAMINHAR DE NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO DO CORPO NAS MONTANHAS

Sandra Barbosa da Costa*
Pierre Normando Gomes-da-Silva**
Maria Aparecida Ramos de Meneses***

RESUMO: O filofoso entende que os pensamentos que vêm com pes aligeros governam o mundo. O caminhar ocupou um lugar importante na vida de Nietzsche. Houve época em que caminhava sete ou oito horas pelas montanhas. Foi caminhando ao longo do lago de Silvaplana em agosto de 1881, que rascunhou a concepção fundamental de seu Zarathustra. A saúde de Nietzsche surgia das suas longas caminhadas contra o vento. Em Zarathustra, corpo é entusiasmo. O filofoso reagia ao seu desânimo caminhando e ao caminhar iniciou uma verdadeira aventura intelectual auto formativa e autobiográfica. Este artigo descreve os significados do modo de caminhar de Nietzsche. A marcha é o seu combate, e so tinham valor os pensamentos e idéias que ocorriam ao caminhar. O caminhante enérgico, envolto no seu ritmo cotidiano, se curva em face do vento, contra o vento, com a cabeça erguida, o peito desbravador, a potência nas pernas. Assim, o caminhar de Nietzsche é signo de sua força e coragem, e na expressão rítmica de seus passos e passadas, viveu uma felicidade profunda no alto das montanhas. Conclui-se que, numa linguagem fenomenológica, o caminhar é uma expressão da metodologia adotada pelo filofoso para elaborao das suas teorias sobre o homem.

Palavras-chave: Marcha. Cognio. Potencia.

NIETZSCHE’S WALKING STYLE AND BODY EDUCATION IN THE MOUNTAINS

ABSTRACT: The philosopher Nietzsche believed that thoughts that come from people with brisk walking rule the world. Walking activity had an important position in Nietzsche’s life. There were times when he used to walk for seven or eight hours in the mountains in a single day. As he was walking along the Silvaplana lake in August 1881, he drafted the basic conceptions of his *Zarathustra*. Nietzsche’s health was a result from his long walks against the wind. In *Zarathustra*, body means enthusiasm. The philosopher reacted to his dismay by walking, and in doing so, he started a true, intellectual, autobiographic and formative adventure. This article describes the meanings of Nietzsche’s walking style. Marching became his form of combat, and only thoughts and ideas that occurred during the walks were worthwhile. The brisk walker involved in his routine rhythm bends upright, with sprinty breast and potent legs against the wind. Thus, Nietzsche’s walking style is a sign of his strength and courage, and in the rhythmic expression of his steps and strolls, he lived intensively and happily high up in the mountains. One can conclude that, in a phenomenological language, walking is a methodological expression adopted by the philosopher in order to develop his theories about man.

Keywords: Walking. Cognition. Strength.

* Prof. Ms. no Departamento de Educao Fisica/CCS/UFPB Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educao – GEPEC.

** Prof. Dr. no Departamento de Educao Física/CCS/UFPB Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educao – GEPEC

*** Profa Dra. Departamento de Serviço Social/CCHLA/UFPB.

Introdução

A potencialidade da inspiração literária de Nietzsche emergia sempre de seus longos passeios nas montanhas. Foi numa “dessas caminhadas que surgiu a idéia inicial de todo o *Zarathustra*”. Este trabalho pretende descrever “o caminhar de Nietzsche contra o vento” (BACHELARD, 1997). Para Nietzsche “Corpo é entusiasmo” sendo a marcha o seu combate e o caminhar que dá o ritmo enérgico de *Zarathustra*. Houve época em que Nietzsche podia suportar, caminhadas pelos montes durante sete ou oito horas. O filósofo disse que só tinha valor as idéias que ocorriam ao caminhar. Esse gesto do andar se fez presente na filosofia de vida desse filósofo. Do caminhar ele fez um combate e o seu poder. Pois o caminhante intrépido se curva para frente, em face do vento, contra o vento. Seu cajado atravessa o furacão e escava a terra. O Caminhar de Nietzsche é um signo de uma coragem, a prova de uma força, a tomada de uma extensão do herói do vento.

Nietzsche instruiu pacientemente sua vontade de poder com suas longas caminhadas na montanha, com sua vida ao ar livre no alto dos montes ele amou. As lágrimas do caminhante combatente são enxugadas pelo vento vencido. A marcha de Nietzsche é uma marcha pura como uma poesia pura, é a expressão de vontade de poder. Nietzsche conquistou vitórias simbólicas a cada passo. *Zarathustra* termina nestes termos: “Foge lá para cima, onde sopra um vento rude e forte” (BACHELARD, 1997, p. 169).

Poeta, filósofo, educador, como classificar a genialidade e sagacidade de um autor como Nietzsche? Se considerarmos o pensamento como genitivo de possibilidades, diremos que Nietzsche, é um manancial de idéias, repleto de intuições. Literato faz uso da metáfora e da alegoria como recurso lingüístico, o que torna sua escrita uma prazerosa leitura. Em *Assim Falou Zarathustra* flerta com a poesia na forma de linguagem poética, anunciando a chegada do super-homem, de um novo homem que ousa conquistar a si mesmo.

Caminhar de Nietzsche e a compreensão da corporeidade

A corporeidade que adocece

Nietzsche sabia ao escrever *Assim falava Zarathustra* que as palavras são

constituintes do comportamento corporal, definindo atitudes e relações. Por isso, querendo transformar a sociedade, ele afirma que seu livro não era para ser lido, mas “para ser decorado”, “para ser ruminado” (NIETZSCHE, 1984, p. 45-224). Isso porque as palavras já haviam transformado seu corpo, numa “taça multiforme colorida da qual emana douradas águas” ou um corpo “aventureiro que embarca com velas astutas em mares terríveis” (NIETZSCHE, 1984, p. 21-135).

Sendo assim, não estamos mais tratando de um corpo-organismo, mas de um corpo-palavra. Um organismo, diferente dos animais, pois se reveste de palavras ao estabelecer uma relação com os outros, a palavra pode impulsionar ou amordaçar o corpo diante do mundo, portanto, trata-se de corporeidade. A corporeidade é um perceber-se carne e palavra diante do outro (GOMES-DA-SILVA, 2003; 2004). Mas não é qualquer palavra que é constitutiva da corporeidade, mas aquelas que fazem amor com o corpo, que podem despertá-lo, revitalizá-lo, energizá-lo ou o contrário, pode despotencializá-lo, enfraquecê-lo.

A palavra pode ser uma canção que tonifica os músculos: penetram no corpo e o transmudam: ergue a cabeça, levanta o peito, fortifica as pernas. Palavras que dão vontade ao corpo de andar firme e suave, sem timidez ou piedade. As palavras têm o poder de vida e de morte, assegura as Escrituras Sagradas. O corpo é o que a palavra fez dele. Freud descobriu isso quando começou a tratar das histéricas, ouvindo seus sonhos (FREUD, 1953).

Rubem Alves, ao considerar sobre a psicanálise das histórias infantis, afirma que a palavra é uma entidade material que enfeitiça o corpo (ALVES, 1986, p.17-42). As palavras encarnadas têm o poder de provocarem saúde ou doença, beleza ou feiúra, vontade de potência ou negação da vontade. Tem sido assim em nossa sociedade, em que a voz do “demônio do pesadume” (NIETZSCHE, 1984, p.169) diz: “é preciso emagrecer para ser feliz”. As pessoas acreditam e fazem um esforço inimaginável em cumpri-las. Ficam enfeitiçadas e doentes.

Então, as pessoas enfeitiçadas desenvolvem uma corporeidade da penitência, de castigar o corpo para pagar pelos pecados das guloseimas. Preocupado com o peso, este corpo se torna um camelo, no dizer de Nietzsche. Carrega o peso dos valores impostos; curva-se ao modelo de corpo que foi estabelecido. Não aspira nenhuma mudança e nem se aceita como é. Nada quer criar, nada quer destruir. Os olhos não conseguem ver as múltiplas belezas espalhadas pelo seu corpo ou pelos outros corpos:

[Escolha a data]

celestes e terrestres. “[...] entre o planeta e o sem-fim, a asa de uma borboleta”, diria Cecília Meireles (MEIRELES, 2009). Há palavras que inibem a imaginação. O corpo, depois delas, perde o desejo de voar, de pensar e de sentir coisas diferentes. Palavras que domesticam o corpo. Retiram os instintos selvagens de quebrar a canga e rebentar a cerca.

Homens e mulheres turbinados, ciberneticamente construídos, mas pacatos, sem eroticidade, sem rebeldia contra as imposições mortíferas. Diante das palavras de ordem – “tornear pernas, enrijecer abdômen, retirar celulites, suspender mamas e levantar bumbum” - o corpo é negado em busca de um vir a ser ilusório. E diante do horror de não ser este corpo, salva-o a arte de modelar-se. Um corpo modelo é o alívio artístico do nojo. Então, na busca do corpo ilusório se suporta viver. É o embevecimento desse estado que através de um elemento letárgico afasta a efetividade cotidiana e as comichões do corpo, seus humores, suas fraquezas e feiúras. Porém, tão logo essa efetividade cotidiana e essa comichão do corpo retornem à consciência, elas são sentidas, como tal, com nojo; então, como fruto desse estado “surge uma disposição ascética, de negação da vontade” (NIETZSCHE, 1974, p. 17).

A corporeidade que torna saudável

A saúde para Zaratustra, o “trepador de montanhas”, é mais um valor ocidental decadente. Por isso, ele se refere a “uma nova saúde, mais exuberante, mais perspicaz, mais tenaz, mais temerária e mais serena do que até agora tem sido qualquer outra saúde” (NIETZSCHE, 1986, p.101). Para Zaratustra, voz saudável do corpo doente de Nietzsche, a “grande saúde” não tem a ver apenas com ausência de gordura ou suspensão dos segmentos “caídos”, coisa que uma lipoaspiração ou um enxerto de silicone resolvem. Também não significa “bem estar bio-psico-social” ou “melhoria da qualidade de vida”. Saúde para Nietzsche é potência, beleza, aumento da força. Então, podemos destacar cinco vestígios dessa corporeidade que torna o ser saudável.

a) Quando não se abate com a tragédia

Uma vontade indestrutível que não se abate com a tragédia, mas ao contrário, revitaliza-se. Sobre essa invulnerabilidade, diz o próprio Zaratustra: “Há algo em mim, qualquer coisa que não pode enterrar e que faz saltar os rochedos. Chama-se a minha vontade. Esta atravessa anos silenciosa e imutável” (NIETZSCHE, 1984, p.102). É

saudável um corpo cheio de vontade. “Vontade — assim se chama o libertador e mensageiro da alegria” (NIETZSCHE, 1984, p. 124). O vitalismo, a força desta saúde não se adquire nas salas de cirurgia, nas academias de ginástica, nas mirabolantes dietas, nem muito menos se compreende pelos conceitos estéreis da academia. A força desta saúde está nos instintos alegres.

b) Quando tem capacidade de rir de si mesmo

É o corpo zombeteiro de Zaratustra que rir de tudo, não leva a sério o “demônio do pesadume”. Sobre achar graça consigo próprio, Drummond acompanha Nietzsche e diz: “Meu corpo outras vezes se diverte em que eu saiba ou que deseje, e nesse prazer maligno, que suas células impregna, do meu mutismo escarnece” (DRUMMOND, 1987, p.10).

c) Quando é movido por ardentes desejos

Paixão apesar do sofrimento, cansaço e solidão. Bem diferente dos que vivem pesados, sem imaginação, sem sonho, sem força, Zaratustra “falava no píncaro da montanha onde reinava o frio, mas quando chegou perto do mar e se encontrou sozinho entre as rochas da margem, sentiu-se cansado do caminho e ainda mais cheio que dantes de ardentes desejos” (NIETZSCHE, 1984, p. 134). Aqui o filósofo-poeta faz uma distinção entre mente e corpo, corpo está cansado, mas a vontade arde por continuar. Estabelece-se uma separação entre a vontade e os músculos, e não só separação, mas também um antagonismo. Um queria uma coisa (descanso) e o outro a aventura.

Contudo, quando os ardentes desejos são compatíveis com a alegria a alma se une ao corpo, tornando-se os dois um só. A alma canta e os pés dançam. “Eu sou corpo e alma, assim fala a criança” (NIETZSCHE, 1984, p. 41). Um corpo cheio de ângulos, forte e alegre, duro e brincalhão, inteligente e sensível. É “um corpo flexível porque a alma está contente” (NIETZSCHE, 1984, p.163). É um corpo vigoroso como leão e risonho como uma criança, tem os músculos de um guerreiro e a sensibilidade de um poeta. Enfim, é o corpo do “leão risonho”, diria Nietzsche (NIETZSCHE, 1984, p.236).

d) Quando ama a vida e luta pelas coisas amadas

Saúde é amar a terra e entregar-se a ela, sem razões ditas “superiores”. Não se envergonhar de amar tão somente as coisas efêmeras. Não cobiçar nada para além do corpo. Possuir um amor inocente, arder na intensidade de um desejo. Porque já surge ardente a aurora: o seu amor pela terra aproxima-se. Todo o amor solar é inocência e desejo criador. [...] Eu, à semelhança do sol, como a vida e todos os mares profundos. [...] Eu nada amo mais profundamente do que a vida, e ainda mais quando a detesto. (NIETZSCHE, 1984, p.111). Um corpo que ama ardentemente a vida deseja que as coisas amadas retornem — o Eterno Retorno, por isso mesmo, luta, como leão, para fazer da terra o lugar da criança, dos corpos saudáveis.

Desse modo, o amor anunciado e vivido por aquele que é guiado pela águia e a serpente não é amor romântico (passivo ou melancólico), mas valente, dionisíaco. “Haja valentia no vosso amor! Com o vosso amor deveis afrontar o que vos inspire medo”. É um amor guerreiro, lutador, que quer criar. Fundar novos valores que exaltem o riso e a beleza. Mas para criar é “preciso destruir a casca do ovo que impede o novo de nascer.” (NIETZSCHE, 1984, p. 66-105).

e) Quando se sabe estar se extinguindo

Saúde é amar a terra com toda à vontade e desaparecer, pois “Querer amar é também estar pronto a morrer” (NIETZSCHE, 1984, p.110). Amar a terra extinguindo-se é paixão dionisíaca. O corpo se despedindo das coisas. Cada momento é precioso, é como um beijo de adeus. Eis o lugar da beleza do corpo: amar e desaparecer.

Nesse sentido, o corpo pode envelhecer em paz. Há beleza na velhice! Semelhante ao pôr-do-sol, o velho pinta suas cores mais exuberantes no momento da sua despedida. Sobre este corpo que vai se extinguindo nas coisas que ama, diz Zaratustra: “Eu só amo aqueles que sabem viver como que extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado [...] São setas do desejo ansiosas pela outra margem”(NIETZSCHE, 1984. p.25-26). Esta é a beleza do corpo saudável: ir aumentando sua força, sua energia, sua vida (NIETZSCHE, 1983, p. 24-257). Uma vontade vital, inesgotável e criadora. Vontade que conduz o corpo para o coração da vida, para afirmá-la, para gozá-la, para enfrentá-la. Mas pena que esse corpo só quem tem são as crianças, ou aqueles que se fizerem como elas, Zaratustra é um exemplo.

Considerações finais

Nietzsche utilizou o método peripatético para elaborar a estória de sua existência. O método do andar foi utilizado pelo filósofo para acalmar sua alma (HILLMAN, 1993). O gesto do andar propiciou saúde e alegria corporal além de possibilitar um processo auto formativo e autobiográfico. No entanto, ao realizar suas longas caminhadas pelas montanhas, em meio a seu caminho labiríntico, Nietzsche encontrou suas duas grandes verdades: o eterno retorno e a figura de Zarathustra (FARREIRO, 2011). Portanto, a forma de caminhar Nitzscheniana, sua peregrinação através do andar solitário e ou labiríntico nas montanhas, representou modos de escrever e entender suas perspectivas filosóficas: caminhar, pensar e escrever. Tratando sobre a educação do corpo em Nietzsche, pode-se dizer que o filósofo nos ensinou a unir, pelo andar, motricidade e cognição.

Referências

- ALVES, Rubem. **O corpo e as palavras**. In: BRUHNS, Heloisa T. **Conversas sobre o corpo**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1986 p. 17-42.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CIVITA, Victor (Ed.) **Mitologia**(V.III). SP: Abril Cultural, 1973.
- DRUMMOND, Carlos. **Corpo: novos poemas**. RJ: Record, 1987.
- FREUD, Sigmund **Obras completas. La histeria**. Vol. X. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953.
- GOMES-DA-SILVA, P. N. **O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade**. Natal, 2003.Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- _____. Da cultura corporal à corporeidade. **Educação em questão**. Natal/RN, v.19, n.5, p. 69-87, jan./abri. 2004.
- HILLMAN, J. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1983.
- MAFFESOLI, **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

[Escolha a data]

MEIRELES, C.B.C. *Canção* *mínima.*

<http://www.poemasepensamentos.com.br/2009/12/analise-do-poema>

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Ediouro, 1986.

———. **Obras incompletas, O nascimento da tragédia no espírito da música.**

São Paulo: Abril Cultural 1974 (Os Pensadores. Volume: XXXII)

———. **Vontade de Potência** São Paulo: Ediouro, [1983]

———. **Assim falava Zaratustra.** São Paulo: Ediouro, [1984]

FARRERO, J. G. **Modos de subjetivação:** a invenção de si e a construção de identidades/representações. Comunicação apresentada na sessão do IV CIPA Universidade de São Paulo, 2011.

Recebido em 20 de abril de 2011. Aceito em 01 de junho de 2011.